

Rapaz de 25 anos empolga o Rio com sua ópera

Benedito BARBOSA PUPO

Quando o jovem campineiro Antônio Carlos Gomes fôra de São Paulo para a Corte a fim de aperfeiçoar seus estudos musicais, já levava a idéia de compor uma ópera. Em sua convivência com os estudantes da Capital paulista, tentou em vão conseguir que algum deles lhe propiciassem um libreto. No Rio de Janeiro, entretanto, foi feliz, alcançando o seu objetivo com a sua ópera em língua portuguesa "A Noite do Castelo", cuja apresentação na noite de 4 de setembro de 1861, no Teatro Lírico, constituiu-se em verdadeiro triunfo, marcando o primeiro grande êxito da "Ópera Nacional", como registrou o "Jornal do Comércio" em sua seção "Gazetinha", dois dias depois do grande evento artístico. E a essa primeira ópera de Carlos Gomes que Campinas assistirá, durante a "Semana de Carlos Gomes" a realizar-se no mês vindouro. Nestas notas, reunio algumas informações colhidas em trabalhos de estudiosos da vida de Carlos Gomes, entre os quais destaco o do professor Luiz Heitor Correa de Azevedo, que permaneceu em Campinas quase dois meses em missão na UNICAMP, para estudo dos currículos de graduação no Departamento de Música, do Instituto de Artes, da nossa Universidade oficial.

UM POEMA DE CASTILHO

A ópera "Noite do Castelo", em três atos, baseia-se no poema em três cantos, homônimo, de Antônio Feliciano de Castilho, composto em 1836. O autor do libreto foi um "jovem e modesto fluminense, que vinha publicando, no CORREIO DA TARDE, inúmeras traduções de romances e novelas", como o qualifica Luiz Heitor. Tratava-se de Antônio José Fernandes dos Reis, que em 1859 entregara

os seus versos a D. José Amat, a quem enviara uma carta assim redigida:

"Eis aí a NOITE DO CASTELO nos estreitos limites que o meu amigo me traçou, em atenção ao limitado pessoal de que pode dispor. Entrego-lhe o libretto; faça dele o uso que julgar conveniente; é sua propriedade. Brasileiro como sou, muito estimarei que esse trabalho possa um dia contribuir a bem da pátria Instituição, por cuja prosperidade faço os mais ardentes votos".

O TRABALHO DE CARLOS GOMES

O jovem, que em julho completara 24 anos de idade, começou a trabalhar em "A Noite do Castelo", em dezembro de 1860, com grande entusiasmo, como se depreende do trecho de sua carta datada do Rio, em 15 daquele mês, a seu pai, em Campinas:

"Escrevo esta só para não demorar uma boa notícia. Afinal tenho um Livro! Foi extraído do poema de Castilho — A NOITE DO CASTELO. Hoje mesmo começo a trabalhar na composição da ópera; prepara-se, portanto, para vir ao Rio de Janeiro em 1861".

O elenco que se encarregou então de cantar a ópera de Carlos Gomes era formado de artistas da "Imperial Academia de Música e Opera Nacional", fundada pelo exilado espanhol D. José Amat, de origem nobre, que de 1857 a 1864 foi grande animador daquele empreendimento. Professor de canto e de composição, além de cantor, dedicava-se D. José Amat também ao ensino da música no Brasil. Essa condição do exilado aproximou-o de Carlos Gomes. O empreendimento de D. José Amat tinha por objetivo a representação de cantatas, idílios e óperas traduzidas para o português. Figurava ainda em seu programa a apresentação todos os anos, de uma ópera nacional.

O primeiro encontro de Carlos Gomes com D. José Amat deu-se no dia seguinte à apresentação da cantata "A Última Hora do Calvário", na igreja da Cruz dos

Militares, fato este ocorrido a 16 de agosto de 1860. Procurado por aquele empresário, que ofereceu ao jovem musicista o lugar de ensaiador "Ópera Nacional", Carlos Gomes aceitou o cargo.

"Aceitando o oferecimento de D. José Amat" — escreveu Luiz Heitor — "Carlos Gomes se aproximava mais um pouco de seu ideal: a ópera. Já agora passava a viver num ambiente de teatro, cuja prática não podia deixar de ser excelente para o seu desenvolvimento artístico. Nessa época já ele pensava na composição de uma ópera; tinha mesmo pedido aos seus velhos amigos, estudantes de S. Paulo, um libreto. Como esse libreto, porém, apesar de seus reiterados pedidos, nunca mais chegasse, resolveu-se Carlos Gomes expor o seu desejo e os seus embaraços a D. José Amat. Foi isso em dezembro de 1860. O empresário ouviu-o com interesse e prometeu que no dia seguinte lhe entregaria um libreto. Efectivamente desde 1859 estava em suas mãos o libreto que Antonio José Fernandes dos Reis compusera, extraído do conhecido poema de Antonio Feliciano de Castilho "A Noite do Castelo".

A ÓPERA

A ação de "A Noite do Castelo" passa-se no Castelo do Conde Orlando à época da Primeira Cruzada, portanto no final da última década do Século XI, quando era Papa Urbano II. As personagens principais e seus respectivos interpretes, na estréia relacionados na partitura para piano e canto impressa, verdadeira raridade bibliográfica, são estes: Conde Orlando, pai de Leonor (E. Ribas); Leonor (Luiz Amat); Henrique, desposado de Leonor, o qual se supõe morto na Terra Santa (Marchetti); Fernando, noivo de Leonor (Luiz Marina); Inês, ala de Leonor (sra. Guillemot); Raimundo, servo do conde (H. Trindade); Um Pagem (Soares) e Roberto,

escudeiro de Henrique (personagem mudo), sem menção do interprete. O côro é constituído por aldeões, aldeãs, pagens, fidalgos, damas e homens de armas.

O enredo de "A Noite do Castelo" é tragicamente dramático, girando os acontecimentos em torno da volta inesperada de Henrique, que, incorporando à Primeira Cruzada, havia partido para a Terra Santa. Como vários anos tivessem passados e ele não regressasse, foi considerado morto. Leonor, prima de Henrique, tinha compromissos com ele, mas encontrando um novo amor em Fernando, comprometeu-se a desposar este, com quem mesmo sem ter-se consumado o matrimônio, tinha encontrados noturnos. De volta, Henrique descobriu os encontros clandestinos. Desafiando Fernando para um duelo, Henrique matou seu rival. Leonor ficou desvairada. Henrique, não satisfeito com a morte do rival, procurou Leonor para matá-la, mas encontrou-se com o Conde Orlando, pai dela. Foi morto por este, que só após do fato consumado reconheceu o seu amado sobrinho. Henrique pediu-lhe perdão. O Conde Orlando perdoou-o assim como a Leonor, que também morreu.

Os vários momentos relevantes de "A Noite do Castelo", em número de vinte, mencionados em páginas iniciais da partitura, estão assim enumerados:

PRIMEIRO ATO — Prelúdio, Côro de Introdução (Viva Fernando); Cena e ária. (Era alta noite); Cena, romance e côro (Nestes sítios que viram minha infância); Cena e ária de Leonor (Em sono plácido); Cômico final (Exulta Orlando); Peça concertante no final (Desde criança se amaram termos) e Stretta final (Implos os laços).

SEGUNDO ATO — Prelúdio; Recitativo e romance (Oh! sim, sofri cruéis saudades); Coro interno (Onde iria o fantasma ocultar-se?); Cena e terceto (Quem sou eu?); Coro interno depois do terceto (Onde iria o fantasma?); Cena final (Pois se tu eras finado!).

TERCEIRO ATO — Prelúdio e coro (Já do profundo abismo); Cena e côro dos homens armados (Sobre os restos de Fernando); Recitativo e ária (Tu, Fernando, que adotei por filho); Grande cena, duelo e delírio (Henrique! Henrique!); Cena e terceto (Basta, mulher!); Quarteto final (Tu que amei desde criança).

A GRANDE REVELAÇÃO: CARLOS GOMES OPERISTA

O talento de Carlos Gomes já havia sido reconhecido em Campinas e em São Paulo. Nesta Capital tornara-se um ídolo dos estudantes de Direito, para os quais compusera o "Hino Acadêmico". A sua consagração definitiva como operista foi em Milão como se sabe com a apresentação de "O Guarani". "A Noite do Castelo", sua primeira incursão no campo operístico, já fora entretanto, uma revelação empolgando o público e entusiasmando a crítica do Rio de Janeiro. Algumas opiniões desta, logo após a estréia de 4 de setembro de 1861, no Teatro Lírico, estão aí para dar ao leitor uma pálida idéia do que foi a triunfal apresentação daquele campineiro de 25 anos, na Corte, como operista.

No "Diário do Rio de Janeiro", Salvador de Mendonça escrevia em 9 de setembro que "houve mais do que animação; houve delírio. Carlos Gomes sagrou-se diante das turbas ao som das aclamações estridentes". Referindo-se à "Ópera Nacional", o "Jornal do Comércio" escreveu que "foi antontem uma noite de verdadeiro triunfo o mais completo e estrondoso que ela até agora tem podido alcançar. Ao terminar cada ato, era Car-

los Gomes chamado ao proscênio, vitorioso e brindado com ramalhetes e coroas; mas foi no fim da ópera que o entusiasmo quase tocou às raias do delírio. A platéia não se cansava de chamar repetidas vezes o compositor, e de muitos camarotes se ouvia o som de palmas; houve versos, fitas e flores, e uma coroa oferecida em nome da orquestra. Para o compositor não pararam no recinto do teatro as ovações; foram terminar em sua residência, até onde 200 a 300 pessoas o acompanharam, com archotes e entre vivas, ao som de uma banda de música".

Muitas foram as manifestações da Imprensa, do Rio, sobre a triunfal estréia de Carlos Gomes como compositor de ópera. Cito mais uma apenas, entretanto, publicada no "Diário do Rio de Janeiro", de 6 de setembro de 1861, e assinada por Henrique Cezar Muzzio:

"Deveríamos talvez demorar para mais tarde as tiras que vamos escrever, porque ainda nos estremece a alma o entusiasmo do triunfo em que nos honramos de ter tomado parte. Ainda nos sóa no coração o ruído dessas palmas com que o povo galardoa o poeta e o artista, quando eles o levam nas asas, da inspiração às regiões do ideal. Ainda nos impele o generoso impulso de uma platéia inteligente e simpática, que soube tributar a quem a merecera, uma dessas ovações que, infelizmente, nem sempre justificam a aurora dos grandes talentos. Conta o Brasil mais um grande compositor, mais um verdadeiro artista; a não ser que a inspiração juvenil que se traduz no seu primeiro arrojio em uma página magistral faça mentir as leis eternas do talento e do progresso. A musa da arte nacional rasgou o crêpe que a envolvia, desde a morte de José Maurício (18); um novo filho bem seu — seu pelo berço, pela educação e pelo sentir — vai continuar a tradição do passado, reviver a chama quase extinta da pira sagrada".

O mérito de "A Noite do Castelo".

Em seu livro "Música e Músicos do Brasil", Luiz Heitor analisando a primeira produção de Carlos Gomes no campo operístico, dá-nos algumas informações sobre as características da partitura, reveladoras das qualidades inatas do músico campineiro:

"Deve-se interpretar esse incontestável êxito como simples e natural explosão de orgulho nacional ou mesmo uma autêntica vitória artística? Não tenhamos ilusões: a Ópera Nacional vinha funcionando desde 1857 e já tinha feito cantar vários trabalhos de compositores brasileiros: nenhum alcançara essa consagração. Na partitura de Carlos Gomes eram as qualidades inatas do operista, seu vigor dramático, o lirismo de muitas de suas páginas, que o público reconhecido saudava com aplausos delirantes. Basta-nos, hoje em dia, folhear essa partitura para verificar tais predicados. A espontaneidade o acerto de todas as situações (dentro do pathos peculiar ao estilo italiano em que é vasada a sua ópera naturalmente), a beleza e a fluência das melodias, tornariam essa ópera se tivesse sido cantada pela primeira vez, na Itália, uma outra Cavalleria Rusticana, capaz de levar aos píncaros da celebridade de um momento para outro, o nome de seu autor. Aliás não foi o que sucedeu anos mais tarde, na capital musical da Itália, com a primeira de il Guarany esse outro coup de foudre com que o gênio de Carlos Gomes abalou os alicerces de teatro lírico".



A NOITE DO CASTELLO

OPERA NACIONAL EM 3 ACTOS

POESIA DE

A. J. FERNANDES DOS REIS

MÚSICA DE

ANTONIO CARLOS GOMES

DEDICADA A

S. M. II.

Redução para canto e piano

REVISTA PELO AUTOR

Propriedade do Editor RAPHAEI COELHO MACHADO

65 RUA DA QUITANDA 45

Loja de pianos e musica

Rio de Janeiro

Reprodução da capa redução para piano e canto de "A Noite do Castelo", primeira ópera de Carlos Gomes. Até hoje, embora esforços tenham sido feitos, a partitura original de Carlos Gomes não foi encontrada, havendo informações contraditórias sobre o posse e localização da mesma

Urbano II - papa de 1088 a 1099
1ª Cruzada 1095 -
errado; a cena se passou em 1250, em Lisboa (meia 'Coneis Popular de 11-VI-1971 - artigo de Ruyldo Elias e Cataldo Bone) e pelo Domingo, 4 de setembro de 1977
errado se a que não podia ter passado no pontificado de Urbano II